

O PHAROL TRANSMONTANO.

PERIÓDICO MENSAL.

DE

INSTRUÇÃO E RECREIO.

N.º 5.

AGRICULTURA (*).

Para procedermos com precisão e clareza na descrição das *forragens* ou plantas diversas, que no nosso Districto são destinadas para sustento dos animaes, é mister dar primeiro algumas noções no tocante á sua classificação agronomica.

Compreende-se em regra aquella ordem de plantas debaixo dos dois nomes genericos de *pastos*, e *prados*, conforme as suas hervagens são pastadas pelo gado no proprio terreno em que foram criadas, ou ceifadas com a gadanha, ou com outro instrumento correspondente, antes de se applicarem para alimento dos animaes.

Os pastos chamam-se *naturaes* ou *artificiaes*, segundo as suas hervas são produzidas espontaneamente pela natureza, ou mediante a cultura e o auxilio do agricultor: uns e outros, naturaes e artificiaes, podem ser *permanentes*, ou *temporarios*, em attenção á sua illimitada ou limitada duração.

Os prados dividem-se em *naturaes* e *artificiaes*, da mesma sorte que os pastos, e com o mesmo fundamento de a vegetação das respectivas hervagens ser espontanea, ou auxiliada pela cultura.

Finalmente costumão tambem dividir-se os prados em: — *secos*, quando tão sómente são humedecidos com as agoas chovediças; — *baivos*, se a sua posição á margem de rios e ribeiros, ou de outras correntes me-

nos consideraveis, lhes permite o serem regados; — *pantanosos*, todas as vezes que o seu terreno é excessivamente humido em consequencia da abundancia, e da estagnação das agoas, &c., &c.

De todos porém os mais valiosos para o agricultor, são os prados naturaes regadios: é uma verdade incontestavel, que se os prados que não tem a seu favor a vantagem de se poder regar segundo as exigencias da vegetação perdem a sua estimação á proporção que a cultura se aperfeioa e que o systema dos affolhamentos se generalisa, não acontece assim áos que tem em seu beneficio copiosas correntes, os quaes constituem sempre os predios mais ricos, e ao mesmo tempo os mais procurados. Comtudo é justamente aquella a especie de prados que menos avulta no nosso Districto, o que devemos attribuir á disposição natural do seu terreno.

As margens dos nossos rios, tanto de primeira como de segunda ordem, por acaso offerecem algum pequeno espaço menos úmido, e pela maior parte devemos dar-lhes o nome de *ribanceiras*: superficies desta natureza apresentam a cada passo localidades e exposições na verdade excellentes para produção de vinhos espirituosos e alcoolicos, mas não admittem de modo algum os prados

(*). Veja-se a pag. 49 do Jornal.

naturaes regalias; os quaes ficam por consequente circunscritos á visinhança de algum ribeiro ou de outras correntes de menos vulto, em cujas margens apparecem superficies *longitudinaes* mais ou menos planas, que por esta circumstancia dão logar a converter-se em prados, ou *regadas*, para nos servirmos da propria expressão dos nossos camponeses.

Entre tanto nem sempre é facil aproveitar aquelles terrenos, e não raras vezes ha ainda grandes obstaculos a remover: já porque as correntes são *temporarias*, e de pouca duração, faltando as agoas nas épocas em que se tornam mais necessarias para as convenientes regas ou *irrigações*; outras vezes, porque a construcção e a conservação das *prezas* são, senão impraticaveis, ao menos difficilimas e custosas, mormente quando em obras taes se exige uma solidez que possa resistir a correntes árebataadas e impetuosas, e a grandes enchentes; e não poucas finalmente, porque os alveos dos nossos rios e ribeiros são escavados e profundos, acontecendo frequentemente que o nivel da agoa fique mui inferior ao do terreno, e que esta se não possa utilizar, a não ser por meio de machinas hydraulicas tendentes a eleva-la sufficientemente, — meio este, além de desconhecido no nosso Paiz, bem dispendioso, porque ainda mesmo que se quizesse lançar mão das machinas mais economicas, das movidas pela propria força das correntes, as despesas com a sua aquisição e reparos seriam por certo, na nossa posição e circumstancias, bem superiores aos beneficios resultantes de taes melhoramentos.

Os prados *pantanosos*, ou verdadeiramente alagadiços são desconhecidos no nosso Districto. Temos contudo certa classe de solos fundos, em cujas camadas superiores predomina mais ou menos a argila, e que assestante quasi sempre em um *sub-solo impermeavel*, que serve de reservatorio á agoa das chuvas e neves que acode alli, depois de recebida pelas superficies dos terrenos circunvésinhos, regularmente mais elevados; tetrenos, que com quanto sejam bastante humidos, não estão todavia no caso de se deverem considerar pantanosos, e nos quaes se

dão excellentes prados naturaes, conhecidos no nosso Paiz pelo nome de *lameiros*.

Entre tanto na ordem dos prados naturaes, os que no nosso Districto estão sujeitos a maiores inconveniencias são os *secos*, ou *de secadul*, segundo a expressão vulgar do Paiz: co mo os terrenos que se costumão destinar para os prados de semelhante natureza não recebem outra humidade mais do que a proveniente da atmosfera, ou das torrentes, é facil de prever que elles não podem deixar de dar máos resultados em um Paiz onde faltam as chuvas em consideravel parte do anno, e onde as estações meteorologicas offerecem um curso tão irregular.

Sem duvida ninguem melhor do que o proprio agricultor sabe avaliar os máos effeitos occasionados pelas anomalias das sações. Se o outono vem seco, e a primavera fria, a vegetação das herbagens não pôde desenvolver-se, e escaceam os pastos e os fenos, como se observou em o anno dos géllos, de 1843 para 1844, que foi excessivamente seco, e excessivamente frio. Os estios muito humidos, e que offerecem ao mesino tempo uma temperatura baixa, influem mui desvantajosamente sobre a ceifa dos fenos, sobre a colheita dos cereaes, sobre a qualidade do grão e da palha, e não menos sobre os fructos das arvores e arbustos, que requerem um numero determinado de grãos de calor, e uma temperatura elevada, para chegar ao seu estado de madureza; os vinhos, por exemplo, ficam então de inferior qualidade, a azeitona incompleta, verde, e pouco productiva, &c.: bem presente terão nossos agricultores o que recentemente lhes aconteceu com as ultimas colheitas de todas as especies, e o mesmo estarão actualmente observando com a da azeitona.

Além disto o nosso solo é pouco humido, genericamente fallando, e em parte propende até para arido, tanto por sua composição mineralogica, como pela mingoa de matas e de arvoredos, e pelos longos intervalos que se mettem de permeco entre umas e outras chuvas; ao que acrescentaremos os effeitos da evaporação rapida e accelerada que tem sempre logar n'um Paiz ventoso, como o nosso, e onde demais disso as correntes aerias

tendem geralmente para secas. Ha localidades, mormente na parte meridional do Districto, nas quaes mal cae uma gota d'agua da atmosfera passa logo ao estado aeriforme e se evapora; nestes sitios podem dar-se muito bem as plantas arbustivas, por isso que as suas raizes vão buscar ás camadas inferiores do terreno a humidade que em parte do anno não encontram na superficie deste, nem na atmosfera; porém os prados secos hão de sempre produzir alli pessimos resultados, em razão da aridez do clima, e das condições hygrometricas da nossa atmosfera.

Os prados artificiaes podem dizer-se não existentes no nosso Districto. Não é estranho a nossos leitores quão diferente cousa é o ter um ou outro proprietario em suas fazendas um luzernal, ou uma porção de terreno, mais ou menos consideravel, destinado para a produção dos trevos, e do samfeno; ou o poderem os prados artificiaes considerarem-se introduzidos e generalizados n'um Paiz, a ponto de por meio delles se obter o duplicado e importante fim — *de se utilizar o terreno em os respectivos annos de pousio ou de folga — e de se conseguir maior numero de productos em menor espaço, ou em superficies mais limitadas.*

Em quanto aos pastos, podem os do nosso Districto reduzir-se a tres classes principaes: 1.^a *baldios, maninhos, e prados de logradouro commum*, dos quaes poderia tirar-se grande proveito, mas que geralmente se acham em pessimo e deploravel estado, por isso que ao passo que todos se consideram o direito de gozar sem a mais leve restricção, ninguem se julga adstrieto a beneficiar, e a usar com regra e moderação; 2.^a *pastos communs nas propriedades particulares*, principalmente nas não muradas, depois de levantada a colheita principal, e por todo o tempo que duram os alqueives, — costume em verdade prejudicialissimo, do qual se derivam os maiores obstaculos á introdução do systema alterno, e que dá occasião a continuas violações do direito da propriedade, por mais bem combinados que sejam os regulamentos de policia rural, e por melhores que sejam as intenções dos

empregados encarregados da sua execução; 3.^a *pastos dentro dos proprios prados naturaes*, depois de recolhido o feno até á época em que é mister retirar-lhes o gado, a fim de que possa vegetar a seguinte colheita, cujo periodo varia muito segundo a especie do prado, qualidade do terreno, localidade, e ainda mais segundo as circumstancias meteorologicas, que nem todos os annos são as mesmas.

Não obstante porém o que deixamos dito, não hesitaremos em asseverar que os nossos agricultores teem nos prados e pastos, que actualmente possuem, forraens em abastança para augmentar ainda consideravelmente a criação dos animaes domesticos, tanto dos que servem de motores nos trabalhos ruraes, e de productores de estrumes, como dos que fornecem materias primas á industria fabril, e dos que se destinam ao consumo, e á venda. Cômto o primeiro passo a dar neste importante melhoramento, talvez devesse ser o de cuidar no aperfeiçoamento das raças indigenas, já bastantemente degeneradas, e cruzalas depois com outras superiores, ou preferiveis segundo o seu diverso fim.

Havemos concluido a descripção agronomica das principaes culturas do nosso Districto: das produções vegetaes de segunda ordem, e das que não passam de especialidades em uma ou outra localidade, fallaremos á medida que nos formos occupando com os seus respectivos melhoramentos.

A. J.

Cultura do cha em França.

M. Lecoq, Inspector das plantações da cidade de Paris, e membro da Sociedade Real de Horticultura, acaba de preparar amostras do cha cultivado naquella cidade, e que submittido á approvação dos Negociantes e entendedores, se conheceo ser muito bom, e exalar um perfume igual ao das melhores especies do cha Indiano. Pertende-se fazer estes ensaios em ponto maior, e esperam-se delles grandes vantagens.

O nosso clima, principalmente do Algarve, deve ser muito mais proprio á cultura

do chá, do que o de França; não faria o governo um bom serviço, talvez d'incalculáveis vantagens, promovendo em alguma de nossas províncias ou ilhas, que para tal parecesse mais apropriada, a cultura e preparo do chá? Ao menos merece de certo a pena de se tentarem algumas experiencias, atenta a grande somma de contos de réis, que este genero nos leva cada anno para fóra do Reino.

A. F. de M. P.

Novo modo de suffocar as chrysalidas dentro dos casulos.

O methodo de afogar as chrysalidas do bicho da seda, ou, como vulgarmente se diz, de afogar o capilho ao calor do sol, está sujeito a alternativa das estações e intempéries, que jámais poderemos prevenir; e não será a primeira vez que se tem perdido avultadas porções de casulo, por se não poder expor ao sol para receber o necessario gráo de calor, a fim de obter a prompta suffocação das chrysalidas. O outro methodo de expor o casulo ao calor do forno para conseguir o mesmo fim, offerece duplicados inconvenientes, os quaes sem duvida prejudicam este muito interessante ramo da nossa industria agrícola. Primeiro, porque alterando-se a cor natural do casulo, perde a seda aquelle brilho que tanto a engrandece, e que jámais influe para a sua melhor vendá. Segundo, por que acontece muitas vezes que o gráo de calor que se lhes applica, é, ou muito forte, ou demasiado brandó; no primeiro caso, perde a seda a sua consistencia e tenacidade; e os tecidos fabricados com ella, ficam sem a força e solidez tão necessaria beneficio do consumidor, e á reputação das manufacturas. No segundo póde acontecer que, por inexperencia ou receio, se lhes applicue um gráo de calor, menor do que o necessario, para a suffocação das chrysalidas; então ellas se apressarão a picar o folhelho, e o inutilisarão de fórma, que não possa ser aproveitado, a não ser para tecidos ordinarios. Terceiro, por que a dessecção, effeito inevitavel do calor do sol, e do

forno, não só diminue o peso desta materia preciosa, mas endurece o betume gommoso de que é composto o casulo, e torna a sua fição mais custosa e difficil.

Todas estas circumstancias concorrem, sem duvida, para deteriorar este ramo da nossa industria, o qual por muito que se fomente, nunca será em demazia. Neste conceito, um methodo qual o que vamos a descrever, que remedia pela maior parte aquelles damnos, sem augmentar despezas, e que só requer uma operação mui singela, apresenta sem duvida, um objecto de utilidade geral; deve pois ser admittido com alguma distincção aos outros.

Para atacar as chrysalidas dentro do casulo, e dar-lhe um golpe mortal, é absolutamente necessario um agente, cujas partes volateis se insinuem por entre os tecidos do casulo, e vão exercer a sua acção sobre as chrysalidas no seu precioso retrete: este agente é o alcanfor, o qual tendo sido varias vezes empregado neste mister, sempre deu o resultado que se esperava.

Modo de proceder.

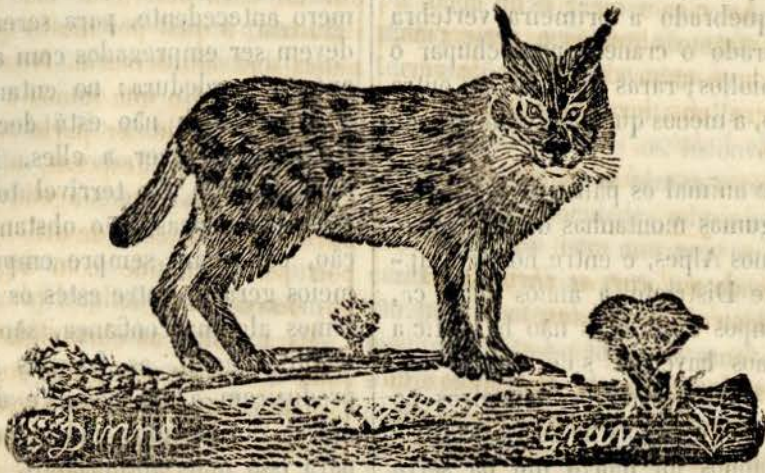
Fazei collocar o casulo, cujas chrysalidas pertendeis suffocar, n'um pequeno quarto ou aposento, perfeitamente reparado de fórma, que depois de fechadas portas e janellas, nelle não penetre a mais pequena porção de ar, dissolvei tres onças de alcanfor n'uma libra civil de alcool a 30' de Cartier, lançai esta mistura n'uma capsula de barro, e collocai-a sobre uma porção de brazas, que já devem estar no meio do referido aposento; feito isto, e disposto o casulo de fórma que todo elle receba os vapores que se vão exhalar da canfora, tereis as chrysalidas suffocadas passadas vinte e quatro horas, ainda que seja grande porção; mas para vos assegurardes da efficacia deste processo, entrai no aposento passado aquelle tempo, colhei alguns casulos, os quaes fareis abrir com precaução, para averiguar se as chrysalidas estão sem vida. Neste caso, e limpos os casulos da lanugem que os envolve, podeis consertar-los por tempo indeterminado, sem que requirem outro cuidado mais, do que resguarda-los da voracidade dos ratos.

Este processo recommendado por Mr. Arnaulde de Bovisson, Religioso dos PP. do Oratorio, está em pratica nas Nações mais adiantadas nas industrias sericolas, e é de esperar que, attenta a sua commodidade e

conveniencia, seja com preferencia abraçado pelos nossos lavradores industriaes.

Bragança, 10 de Janeiro
de 1846.

A. J. Teixeira.



O LINCE OU LOBO CERVAL.

Os Linceos tem até estes ultimos tempos sido classificados pelos naturalistas n'uma simples divisão do genero *Felis*, por isso que se lhes não havia descoberto um caracter assás importante e distinctivo para formarem um genero á parte: contudo, este caracter existe, segundo se afirma no *Dictionnaire universel d'Histoire Naturelle*; art. chat. Sem entrarmos porém nessa discussão, trataremos sómente d'uma especie, que ultimamente tem apparecido neste Districto: é ella o *Lince do antigo continente*, vulgarmente *Lobo Cerval*. *Linx vulgaris*, *Felis Linx* de Lin.

Este animal foi já conhecido pelos Gregos e Romanos, que d'elle contavam muitas fabulas; como o ter uma vista tão penetrante, que via através dos corpos opacos, e possuir sua urina a maravilhosa propriedade de se solidificar, transformando-se n'uma pedra preciosa chamada — *lapis lynceus*. O Lince é do tamanho de um cão, isto é, de 2 até 3 pés de comprimento; a cauda não excede a 4 polegadas, grossa, roliça e preta na extremidade; a pelle no dorso, e membros é de cor de ferrugem com malhas pequenas de um negro carregado e lustroso; a do ventre,

parte interior das pernas, e pescoço é esbranquiçada: as orelhas são terminadas por uma especie de pincel formado de pellos negros, e mais compridos, atraz dellas, e de cada lado do pescoço tambem o pello é comprido, e faz como um collar. Tem as pernas curtas e reforçadas, com grandes unhas retracteis, semelhantes ás dos gatos. Não abre carreira como o lobo, mas corre e salta como o gato, a onça, ou a panthera.

O nosso Lince não vê através das paredes, mas é verdade, que tem os olhos brilhantes, e a vista alegre, e expressiva. Sua urina tambem se não transforma em pedras preciosas, mas o animal tem o cuidado de a cobrir com terra, como fazem os gatos cujo accio elle imita, gastando muitas horas a lavar-se, lambendo a sua pelle que é assaz estimada para varias obras. Tambem á semelhança do Lobo, o Lince forma de noite uma especie de uivo, e acomete com preferencia os novos veados. Foram provavelmente estes costumes, que lhe fizeram dar pelos caçadores o nome de — *Lobo Cerval*.

O Lince tem habitos carniceiros; sobe com muita facilidade ás arvores para apañar as aves em seus ninhos: é grande des-

truidor dos esquilos, gatos montezes, tourões, fuinhas, doninhas, coelhos, lebres, perdizes, e outros: tambem algumas vezes se colloca d'emboscada para saltar sobre os veados, corças, e cabras; agarra-se-lhe ao pescoço, e não larga a preza sem a lançar por terra, havendo-lhe quebrado a primeira vertebra cervical, e furado o craneo, para chupar o sangue e os miollos; raras vezes devora outra parte do corpo, a menos que não tenha grande fome.

Habita este animal os paizes frios: é frequente em algumas montanhas da Hespanha, nos Pirineos, nos Alpes, e entre nós tem apparecido neste Districto á annos para cá, porque de tempos anteriores não ha noticia delle; constanos haverem sido mortos uns seis ou sete, apparecendo os primeiros no monte de Moraes, e depois na serra de Chacim; á dois annos foi morto um na serra dos Passos, perto de Mirandella, como por essa occasião se referiu em dois ou tres artigos da *Revista Universal Lisbonense*: já depois desse foram mortos tres, um junto a Balcemão, onde ficou um companheiro vivo, outro perto de Baçal, a uma legoa desta cidade, e agora outro ainda mais perto, e para os lados d'Alfaião, o qual, perseguido pelos cães com grande destreza se atirou acima de uma arvore, daqual os caçadores o fizeram descer com tres tiros. Foi sobre a pelle ainda fresca deste animal (a qual hoje para em poder do Sr. Antonio Rodrigues Ledesma de Castro), que nós compozemos a presente descripção, não podendo verificar o character generico, a que aludimos no principio deste artigo, por não existirem já os dentes, nem as mandibulas do animal.

Tanto este, como outros animaes daninhos e nocivos, rapozas, lobos, &c., vão-se multiplicando extraordinariamente, a ponto de reunidos em alcatea, entrarem já algumas vezes pelas povoações: bem era pois para desejar, que as authoridades administrativas locais tomassem, ou se isso não cabe em suas attribuições, solicitassem algumas medidas, para substituirem as antigas montarias.

A. F. de M. P.

Hydrophobia (*).

Continuando com a exposição do tratamento da hydrophobia, que a falta d'espaco nos fez interromper, diremos que, todos os meios de tratamento indicados no nosso numero antecedente, para serem preservativos devem ser empregados com a menor dilacão após a mordedura: no entanto, em quanto a hydrophobia não está declarada, sempre se deve recorrer a elles. E como contra uma molestia tão terrivel todas as precauções são poucas, não obstante a cauterisacão, costumam sempre empregar-se alguns meios geraes: entre estes os unicos, em que temos alguma confiança, são a dieta puramente vegetal, as fricções mercuriaes até produzirem a salivação, e a tranquillidade moral dos doentes pelos meios que forem para isso mais apropriados.

Se, não obstante tudo isto, se manifestarem os padecimentos proprios aos dois ultimos periodos da molestia, então só nos resta combater esta nos seus symptomas geraes, que, como vimos, dimanam todos de uma profunda alteracão dos centros nervozos.

Seria assaz extensa a lista dos medicamentos, que tem sido applicados para este fim, e á frente dos quaes se collocam o opio, as preparações mercuriaes, e do chloro; a sangria, a injeccão d'agoa nas veias, &c.: em todos elles temos, neste caso, muito pouca fé.

Ha hoje um novo methodo de tratamento, que nos merece mais consideracão: é devido a M. Marochetti, medico na Russia, e que á annos o publicou. Consiste — em dar ao doente logo depois da mordedura, e por tempo de 40 até 60 dias um cozimento de *Giستا dos tintureiros* (genista tinctoria. L.) ou de *Piorno dos tintureiros* (genista polygalaphylla. Brot.), uma onça da planta, para duas libras d'agoa, fervendo até se reduzir á metade, e duas oitavas de pó da mesma planta estendido sobre o pão, o qual pó se eleva á dóze de tres oitavas, no caso do doente vomitar o cozimento. Durante todo este tempo de tratamento, examina-se cui-

(*) Continuação de pag. 57.

dadosamente duas vezes por dia a boca do doente para reconhecer as vesículas sub-linguaes, de que acima fallamos, e que não costumam durar mais que 24 horas, raras vezes dois dias: desde que apparecem, abrem-se com o ferro, evacua-se o humôr esverdinhado que contém, e cauterizam-se com um estilete candente, ou com os causticos; e submette-se o doente ao uso de bochechos com o dito cozimento de giesta. A cura affirmam-se ser certa, e referem-se já muitos casos assim tratados. Possam taes successos ser confirmados.

Taes são em resumo os tratamentos propostos contra a hydrophobia no homem: muitos meios empiricos tem tambem sido aconselhados, os quaes passaremos em silencio para referir somente um, que á tempos temos com grandes encomios em varios numeros da Revista Universal Lisbonense: e é — 3 gêmas d'ovo bem limpas de clara — onça e meia de azeite puro — tudo em frigideira de barro, e ao calôr de cinzas bem quentes, batido com colher de pão até ficar na consistencia de mel. Limpa bem a ferida, e esgravatada até fazer sangue, applicam-se uns fios embebidos neste remedio, o resto bebe-se: repete-se 3 dias successivos ás 6 horas da manhã, e ás 6 horas da tarde, comendo o enfermo de dieta ordinaria somente ao meio dia, e á meia noite. — Em Outubro foi este remedio applicado a dois homens, e a um porco; o successo foi qual se desejava; devô porém declarar, que não confiei somente na efficacia d'elle, mas empreguei a cauterisação nas feridas dos homens, e a excização da orelha do porco que havia sido mordida.

O tratamento dos quadrupedes mordidos por animal hydrophobico repousa sobre as mesmas bazes, que temos exposto. É necessario lavar e cauterisar a ferida quanto antes, fazendo-a depois supurar: o ferro candente, ou a manteiga de antimonio são os agentes a empregar nisto; e se a mordedura é em parte commoda para a ablação ou amputação, estas devem ter a preferencia. Depois cumpre ter o animal em segurança, e vigialo por tempo de dois mezes: então mesmo não pôde haver uma certeza de que a hydro-

phobia se não declarará: por isso, tolas as vezes que o animal for de pouco valor, é mais prudente o mata-lo.

O cão é dos animaes domesticos aquelle em que a hydrophobia é mais frequente, e por onde quasi sempre se communica ao homem; seria pois para desejar, senão a extirpação da raça canina (que tambem tem suas utilidades, e á conta dellas, lhe havemos de soffrir em parte os inconvenientes), ao menos que houvesse somente os necessarios, e que as Authoridades administrativas, recommendando isto mesmo, tomassem efficazes providencias para a extincção dos que são puramente vadios, e de nenhum prestimo; ou então se lançasse uma contribuição sobre os cães de caça e os de regalo, com o que se preencheria utilmente a indicação que acima fizemos. Esta contribuição existe já hoje em alguns paizes, e trate-se de a estabelecer agora em França. No Brabanté provincia que tem uma população de 637:334 almas ha 29:960 cães, e o imposto nessa provincia produziu este anno 63:877 francos, havendo quando foi estabelecido, produzido no primeiro anno 80:000. Se hoje se paga contribuição pelos cavallos, animaes de muito maior utilidade particular, e até publica, menos era de estranhar que se pagasse pelos cães.

A. F. de M. P.
Machina typographica.

Á muito tempo que os periodicos estrangeiros nos tem noticiado as tentativas feitas em Paris e outras cidades, a fim de sujeitar a composição typographica ao trabalho de machinas; mas as experiencias não haviam até agora correspondido aos desejos dos auctores, e ás necessidades de um tal serviço: parece porém que a resolução do problema se vai hoje aproximando de seu fim, pois que os ensaios ultimamente feitos na imprensa real de Vienna foram em extremo favoraveis. — Por meio de uma machina inventada para esse fim, se compozeram 360 letras por minuto, o que somma 21:600 letras por hora. Está dado o impulso, e ex-

citamento, a marcha ordinaria das cousas nos promette, que os resultados se-hão de tambem obter.

A. F. de M. P.

Verniz para obras de madeira, e que resiste á agoa a ferver.

T. d'oleo de linhaça libra e meia.

— Lithargyrio em pó cinco onças.

— Zarcão tres onças.

Ferva-se o oleo em vaso de cobre, que não seja estanhado, com o Zarcão, e o lithargyrio mettidos em um saquinho suspenso no mesmo, de modo a não tocar no fundo do vaso; continue-se esta operação até o oleo tomar uma côr escura, tire-se então para fóra o saquinho, e ponha-se em seu lugar outro com um dente d'alho; continue-se a operação renovando sete ou oito vezes o dente d'alho. Então tome-se uma libra de ambar amarello ou succino, e depois de bem pulverisado, lance-se á parte, em duas onças de oleo de linhaça, e ponha-se a ferver; em o succino se achando bem misturado com o oleo, ajunte-se tudo á primeira mistura, e continue-se a ferver por mais tres ou quatro minutos, mechendo tudo muito bem. Tire-se então do fogo, e ponha-se a assentar, depois do que se pôde tirar a limpo, ou coar, para se guardar em garrafas rolhadas. Applica-se este verniz com uma esponja fina, repartindo-o com igualdade por toda a madeira que deve estar bem polida.

A. F. de M. P.

Nota acerca de dous metaes novamente descobertos.

Dous novos metaes foram descobertos por M. H. Rose nas tantalites de Baviera.

Como este chymico empregasse trabalhos analyticos com o fim de comparar a composição das tantalites de Baviera com as da America do Norte, pôde verificar que se o acido produzido por estas ultimas, era acido tantalico puro: em quanto que quello

obtido das primeiras, era composto de dois acidos diferentes entre si, e ambos dissimilhanes do acido tantalico, em muitos caracteres essenciaes. Deu-lhes os nomes de Pelopium e Niobium (de *Pelops* e *Niobe*, filhos de *Tantato*) e reservando-se tratar do primeiro em outra occasião, descreve as reacções distinctivas do segundo, em uma carta cujo extracto vem no J. de Ph. e de Ch. de Janeiro de este anno (1845). O acido niobico é branco; cõra-se em amarello mui vivo quando se aquece; e volta ao branco pelo arrefecimento, offerecendo então pedaços mui brilhantes.

Fôrma com os alcalis combinações solúveis, d'onde pôde ser precipitado pelos acidos.

A infusão de noz de galha dá um precipitado côr de laranja carregada na dissolução de niobato de soda, o qual é solúvel nos alcalis causticos: a presença porém d'um acido organico não volátil, impede a precipitação.

O Cyanureto amarello de ferro, e potassio precipita em vermelho vivo a dissolução acida de niobato de soda.

O Cyanureto vermelho de ferro, e potassio, dá precipitado amarello bem pronunciado em uma dissolução semelhante.

A dissolução de niobato de soda acidulada com acido sulphurico ou chlorhydrico dá, com uma lamina de zinco, precipitado azul que se torna pardo com o tempo.

O Perchlorureto de niobium preparado com o acido niobico, o carvão, e o chloro, não tem côr, é infusivel, e pouco volátil. O Niobium obtido pela redução do seu chlorhydrato ammoniacal é um pó negro, que aquecido ao ar, arde com ignição, e se transforma em acido niobico branco, insolúvel no acido nitrico, e na agoa regia, mesmo ao calor da ebullicão; solúvel, porém, em uma mistura de acido azotico, e fluorhydrico.

Admittindo-se a mesma composição para os acidos tantalico, e niobico, vem a ser o pezo do niobium mais elevado que o do tantalico.

J. A. R.

(*Jornal da Sociedade Pharmaceutica Lusitana.*)

O ROMANCE.

Os Redactores do Pharol Transmontano, avaliando devidamente a missão e os deveres, que incumbem a todo o escriptor publico, e com particularidade á imprensa periodica, decidiram reservar nas paginas do seu jornal um logar, no qual, a exemplo de nossos Literatos, offerecessem a seus leitores algum alimento para o espirito, que nem tudo se ha de dirigir ao corpo, embora as tendencias do seculo sejam essas.

Entre as varias especies que podem figurar nesta parte do jornal, a mais importante, ou ao ménos hoje em dia *a la moda*, é sem duvida — o Romance — esta forma inseparavel da nova literatura, este aspecto brilhante da arte moderna, que insinuando-se por entre as turbas lhes póde, e deve levar, e dissimular a doutrina, e a illustração em todos os ramos.

O Romance porém, geralmente fallando, póde reduzir-se a duas formas — o Romance contemporaneo ou da actualidade, e o Romance historico. — Este ha sido entre nós cultivado com bastante fortuna; e tem mesmo chegado a tal gráo de perfeição, que, entre muitos outros, possuímos já hoje dois modellos de que nos devemos vangloriar, e que affeitos podemos mostrar a estrangeiros: facil é de ver, que fallamos do Eurico, e do Arco de Santa Anna.

Não acontece porém o mesmo a respeito do outro genero — o Romance contemporaneo — aqui a nossa pobreza é ainda assaz grande. Afóra duas ou três brilhantes excepções, este campo está, por assim o dizermos, na sua maior parte ainda inculto e baldio.

Neste bulício, nesta agitação, neste tumultuar da sociedade actual; nesta lucta desapiadada, em que se chocam a velha com a nova civilisação; neste theatro immenso, em que são tantos, e tão variados os actores, e em que todos, e em toda a parte representam incessantemente; quantos sentimentos e paixões diversas abri enredam, e desenredam jocundos, ou leudrezos dramas! quantos calculos e interesses abri germinam, e creescom na obscuridade, para depois fru-

ctificarem, produzindo miserandas desgraças, espantozas revolucões! quantos corações comprimidos, e esmagados pelas injustiças do homem! quantas agonias, quantas dores intimas reluctam em muitos peitos generozos, e ahí se passam em silencio, e a sós com Deos! Em todo este mixto repugnante de crimes, e de virtudes, d'eros e d'abjecções, ou de heroicidade e dedicação, que de severas e tremendas lições nos não esconde a mão da Providencia?

E não cumprirá tambem o Escriptor publico a sua missão, levantando o véo que esconde tantos exemplos, que podem ser proficuos? Não será fazer um bom serviço á humanidade, o dissecar os cadaveres dos pestiferos para indagar as cauzas, e a natureza do mal, que os affectou? Não será um acto de dedicação, se os Redactores do Pharol, sondando o pégo illuzorio da actualidade, se aventurarem com a sua pobre e humilde barquinha em mares tão cavados, para acenderem nella uma luz, aiada que tenue, que bruxeleando aos incautos, que lá se andam sem rumo por entre a medonha cerração, lhes indique o porto aonde podem achar refugio? ou que, tomando os que já naufragos se debatem nas ondas, os livre da perdição?

Será pois um Romance contemporaneo que vamos escrever. Mas não se persuada alguém, que nos move a stulta vaidade de querer illustrar este genero; bem longe disso, temos a consciencia de nossas poucas forças, e por as conhecermos, é que não quizermos hir collocar-nos n'uma posição para nós tão desigual, e tão desfavoravel — o Romance historico. Que metaes de preco poderiamos nós tirar das fições, que tantas mãos mais possantes, cuidadosamente, e com tanta fortuna exploraram?

Não desconhecemos tambem as difficuldades com que temos a luctar, e que havendo de tocar, e cauterizar chagas vivas e pullulantes, damos mais um incentivo á critica, e isto em coisa tão comezinha, e que por si mesma se expõe aos olhos de todos. Lembraremos porém a nossos leitores, se com nosso quizerem ser benivolos, que o Romance, que hoje lhes apresentamos, não deve ser considerado senão como um

ensaio, uma primeira tentativa, ou um arrojado de mancebo, cuja vida, sempre laboriosa, cujos estudos, bons ou máos, tem até agora versado sobre assumptos inteiramente oppostos a este genero de literatura.

A idéa fundamental do nosso pequeno Romance foi-nos despertada por uma breve novella, que á tempos encontrámos n'um jornal de Paris *l'Illustration*, não obstante, o nosso Romance é inteiramente differente. Procuramos dar-lhe um fim eminentemente moral para a sociedade actual, se sim ou não o conseguimos nossos leitores o decidirão. Quanto a nós, ingenuamente confessamos, que não poderemos trajar as gallas e riquezas de nossos illustres Romancistas, mas também nos anima o considerar, que, ao humilde provinciano lhe não ficará mal, o vestir de tosco borel.

Bragança, 15 de Janeiro
de 1846.

O COLLAR DA FINADA.

ROMANCE CONTEMPORANEO.

I.

Corria o mez de Março do anno de 1844; e quando já as nossas provincias meridionaes gozavam as amenidades da primavera, os prados com a sua verde alcatifa de relva, as plantas embalsamando o ar com o suave perfume de suas flôres, as aves desprendendo mil gorgeios, e, sobre tudo isto, o sol, o bello sol do nosso Portugal; ainda então, em muitas das povoações de nossas provincias do norte, era rigoroso inverno; e com particularidade na antiga cidade de Miranda, onde se passava a scena, que vamos descrever.

Na parte mais oriental da provincia de Traz-os-Montes, em sitio aspero e montuoso, e fronteira ao Reino de Leão, qual ultima vedeta, que da atalaia espreita o campo inimigo, está assentada a cidade de Miranda, cuja fundação se attribue a D. Affonso Hen-

riques pelos annos de 1136. ElRei D. João 3.º a elevou á cathogoria de cidade em 1545, dando-lhe por armas um castello com tres torres, e uma lua, com as pontas voltadas para baixo, sobre a torre do meio. Seu territorio foi desmembrado do arcebis-pado de Braga, e erecto em Bispado, por bulla de Paulo 3.º de 22 de Maio de 1545, sendo Arcebispo de Braga D. Manoel de Sousa, successor do Cardeal Infante D. Duarte. Teve Miranda por seu primeiro Bispo, a D. Toribio Lopes, Esmoer mór da Rainha D. Catharina, e foi elle quem principiou a fabrica de seu templo.

Quasi cercada d'agoas, a cidade partilha um clima frio, e excessivamente humido no inverno; e ao mesmo tempo secco, e abra-zador em alguns dos mezes do estio, por ser o terreno arido, e despovoado d'arvo-redos.

Corre-lhe a um lado, e quasi por entre as ruinas de suas muralhas, o rio Fresno, humilde e pobre na maior parte do anno, e que murmurando por entre o seu leito de granito, dissereis carpir a sorte de sua Castelã e Senhora, que vê tão decahida, com seu cinto de muralhas roto e despedaçado, com seu castello, e paço episcopal desmorronado e em ruinas.

A outro lado, e a maior distancia, em profundo e apertado valle se arrebatá indomito, e caudaloso o Douro, que sahido apenas do territorio Hespanhol, e ainda não de todo portuguez, precipitado por entre enormes calhãos, lambendo a base ao espantoso colosso de bazalto, o afamado *penédo amarillo* fórma mil saltos e cascatas, e se arroja com todo aquelle orgulho natural das gentes donde vem; olhando tórvo lá do fundo, o revolver agonizante da cidade caduca; e como regozijando-se com os estragos, que nella fizeram os castelhanos na ultima guerra de 1762; para encobrir assim o despeito que lhe causa, vêr ainda de pé, e bem conservado o seu bello templo de granito, que outrora foi cathedral, e que campeando esbelto com as suas duas elevadas torres alçando nos ares o simbolo da redempção, e com o seu elegante zimbório apontando para o céo, no meio das ruinas

que o cercam, nos adverte, como são caducas as obras da mão do homem, como se desfazem as suas glorias e vaidades, e como só a religião, que elle representa, a divindade que suas cruces simbolizam, e a morada para a qual o seu zimbório nos aponta, são eternas, indistructiveis, e de perfeita felicidade.

Mais ao longe, já nos confins do reino vizinho, e como muralha chinesa, que haja de deffender a entrada no imperio, se descobre a cordilheira da Senabria, com os seus profundos e escuros valles lateraes, e os alcantilados pincares quasi todo o anno cobertos com alva touca de neve, onde o sol da primavera, e de parte do estio, se nos reflecte em vistoso panorama; mas que, soprando os ventos daquelle quadrante, nos envia o seu frio glacial.

Eram quatro horas da tarde: o tempo, que havia estado cruel e tempestuoso, principiava de amaciar-se; a chuva, que toda a manhã se precipitara em torrentes, tinha cessado; o mesmo frio, até então incommodo, quasi se não fazia já sentir; porque o Nordeste, que da Senabria o trazia, havia moderado as suas iras: volvia a mostrar-se o sol, que inclinando já para o occaso, e batendo com seus raios quasi perpendiculares nas vidraças de uma pequena casa no meio da cidade, atravez da janella um pouco aberta, hia derramar uma meia claridade n'um quarto de dormir, mobilado com decência, mas sem luxo nem riqueza.

Uma dama de quarenta annos jazia alli no leito da doença: seus cabellos, que se conhecia ainda haverem sido pretos como o ebano, e as feições tão regulares e mimosas de seu rosto, não deixavam duvidar, que ella houvesse sido das mais formosas; mas as cãs, que ora se lhe viam já em abundancia, a palidez de cêra, a magreza extrema, e toda a sua phisionomia, figurando-lhe uma idade que ainda não tinha, nos manifestavam, que ella havia cortido muitas dôres e soffrimentos; dôres e soffrimentos, não desses, que se originam da desorganisação ou alterações dos órgãos, mas daquelles intimos, indiziveis, e profundos, que se podem sentir, mas não descrever, e que em poucos dias, em poucas

horas sulcão de rugas o rosto mais formoso, ou cobrem de cãs uma cabeça ainda juvenil.

Seus olhos estão docemente fechados, vê-se que ella dorme; mas em seus labios, apenas meio descolados, desponta um sorriso como de consolação. Comprehende-se, que a doente tem soffrido... soffre muito... mas que ella, por assim dizermos, sente algum prazer no meio dessa terrivel situação. Ha em toda a sua phisionomia, ha em toda a sua compostura tanta quietação, tanta como esperança e resignação, que seriamos tentados a não vêr nessa morte, que talvez se lhe aproxima, senão a transição, quasi hia dizer recompensa de uma vida atormentada pela penitencia, ou sanctificada pelo arrependimento, em que a doente se sente já como penetrada d'um presentimento do céo.

À cabeceira do leito, via-se uma outra dama ainda em todo o frescor da mocidade, e que representava ter apenas vinte annos. Seus cabellos escuros, seus olhos trigueiros e meigos, que ella tinha attentamente fixados sobre a doente, um não sei que, que transparecia em seu rosto, onde o vermelho da rosa se misturava com o branco das açucenas, tudo revelava um desses caracteres de amabilidade e doçura, que fazem da mulher moral o anjo das consolações. Seu trajado mostrava que á pouco ella havia chegado de jornada; e pela attitude em que se apresentava, pela tristeza que lhe assomava em todo o semblante, facil era de vêr, que tomava o maior interesse pelo estado da doente.

Proximo da janella, e sentado n'uma cadeira de braços, um mancebo esbelto, e bem trajado, lia mentalmente em um livro, que tinha em suas mãos; mas a espaços, olhava atravez da vidraça com um certo ar de distracção, como se a idéa lhe andasse esvoaçando por objectos bem differentes, e distantes de quantos alli se encontravam. Sua phisionomia era bem parecida, e mesmo agradável, mas em toda ella não notariéis uma só linha ou feição, nem em sua cabeça alguma boça mais preeminente: por onde suppozesseis uma propensão ou um instincto, que houvesse de o dominar; Lavater, o proprio Gall se veriam embaraçados para desta maneira deciframem seu character. Era uma

destas organizações, que a natureza produz como por descuido, com uma susceptibilidade para tudo, mas cujo caracter, e hábitos de vida, deixa todos a cargo da educação.

Estas três personagens completam o quadro que temos debaixo da vista. Quem ellas fossem porém somente no Capitulo seguinte: o diremos a nossos leitores.

(Continuar-se-ha.)

Cérco e tomada da Villa de Chaves por El Rey D. João I.

De Santarem partio el Rey para Leiria, e se meteo no castello, que os Castelhanos deixaraõ, e cobrou grandes alfaias da recâmara da Rainha Dona Leonor, que ali estava em guarda. De Leiria passou a Coimbra, e dahi ao Porto: e ali e em outras partes de entre Douro, e Minho, ás quaes el Rey foi com muitos engenhos, munições, e apparato de guerra, e mantimentos, mandou apregoar, que todo o homem que delle tivesse tomado soldo na guerra passada, se viesse a elle sobpena de perder todas as honras, e mercês, que delle tivessem. El de Villa Real mandou chamar a Martin Vasques da Cunha, e seus irmaõs, e a Gonçalo Vasques Coutinho, e a outros senhores da Beira, e caminhou para Chaves, com tenção de a cercar: chegou a S. Pedro de Costem, que he huma Aldea meia legoa da Villa, véspera do Natal. A Villa estava bastecida de gente da terra, e alguns Gallegos, com que Vasco Gomez de Seixas, cavaleiro de Orense a veio soccorrer: e de mantimentos somente de agoa tinha muita falta, por não terem outra senão a do rio, que lhe foi tomada: e só avia dentro humo mui enxofreita, como de Caldas, que senão podia beber. O Alcaide mor da Villa era Martin Gonçalves de Ataide, fidalgo honrado Portuguez, e azado com Mecia Vasques, irmaõ de Gonçalo Vasques Coutinho, que se achou na batalha de Trancoso.

Passado o Natal, e vindo Janeiro de mil e trezentos e oitenta e seis, lhe pôz el Rey cerco, e lhe impedio sahirem a tomar agoa

com humia bastida, que fez junto da ponte, e só concedia levarem hum cantaro de agoa cada dia a Mecia Vasques por amor de seu irmaõ. A bastida, posto que estava encarregada a muitos que a guardassem, determinaraõ os cercados de a desfazer hum dia, que era a guarda de Vasco Pirez de Sampaio: sendo elle a ceiar ao arraial, que era hum pedaço dahi, atreveraõse os da Villa a ir muitos delles, e ainda que pezo a os que a guardavaõ, pozeraõ fogo á bastida, e ardeu toda, antes que do arraial podessem ser socorridos. Polo que dahi em diante tinhaõ os da Villa muita agua queraõ. Ouve el Rey disto muita tristeza, e estranhou muito de palávra a Vasco Pirez, e ordenou fazer outra bastida mais perto do arraial, junto de humas portas da Villa, onde está humas torre, não tão chegada, que della lhe podessem fazer dano. A bastida era tão forte, que por muitos tiros que lhe faziaõ de dentro, com grandes pedras dos engenhos, nunca lhe fizeraõ algum prejuizo. Desta bastida, que era mais alta que o muro, não cessavaõ os de fóra de atirar assi á besta, como com pedradas aquelles, que andavaõ polo muro, de maneira que nenhum ouzava de estar nelle. Os engenhos da mesma maneira de dia, e de noite tiravaõ, e derribavaõ na Villa, e no castello muitas casas, e matavaõ muita gente. Os da Villa sahiaõ ás vezes, e escaramuçavaõ; polo que avia mortos, e feridos de humas, e da outra parte. El Rey para sustentar sua gente, mandava a miudo corrier a terra, e roubar, entrando em Galiza oito, e dez legoas a terra de Porqueira, e Sandiaens, e de Alhoróz, e outros lugares daquela comarca, com bons Capitães em guarda das azemalas, que sempre hiaõ mais de mil, e tornavaõ carregadas de vitualhas de muitas castas. Sobre el Rey não somente carregava o trabalho do cerco, que tinha posto, mas o de cobrar outros lugares, que naquella comarca se lhe rebellavaõ, e lhe faziaõ guerra, como Bragança, Vinhaes, Outeiro de Miranda, e outros: e porque elle estava junto com Galiza, e perto de Castella, determinava, se el Rey de Castella viesse, a descercar Chaves, pelejar com elle, e dar-lhe batalha, e se não quizesse vir, que com

aquella gente, que tinha junta, e com a mais, que podesse ajuntar, ordenaria a guerra contra os rebeldes. Para isso mandou chamar os Conselhos de Lisboa, Coimbra, Sanctarem, e de outros luguras do Reyno, que se fossem para elle.

Quando as cartas del Rey chegarão a Lisboa, os da Cidade lhe mandaraõ com muita brevidade, e boa vontade a gente, que poderaõ fazer logo, que foraõ duzentas e dez lanças, a saber: duzentas da Cidade, e as dez de Cintra, que entaõ tinhaõ por seu termo; e duzentos e sincoenta bêsteiros, e duzentos homens de pé, todos pagos por tres mezes: os duzentos de cavallo da Cidade hiaõ todos de huma libré, e cada hum trazia hum L de prata ao collo, que he a insignia da Cidade, e a letra de seu nome, que alguns levavaõ de ouro, e pedraria. Por Capitão desta gente hia Estevaõ Vasques Philippe Anadel mór do Reyno. O Alferes da bandeira era Gonçalo Vasques Carregueiro, e com elles hia Sylvestre Estevens Procurador da Cidade, com o dinheiro, que cumprisse, e alguns officiaes necessarios aquella companhia. Além desta gente veio o Condestabel com a sua. A Villa se comecou a combater; e tanto a apertaraõ, que Martim Gonçalvez de Ataide, receando ser entrado por força, mandou commeter a el Rey, que lhe desse espaço de quarenta dias, em que o fizesse saber a el Rey de Castella; e não lhe vindo socorro dentro nelles, lhe entregaria a Villa, e elles se sahiraõ com seus bens. El Rey era aconselhado que o não fizesse; mas por amor dos irmaõs de Mecia Vasques, e por não perder alguns homens no combate, o ouve por bem. Entaõ lhe mandou Martim Gonçalvez hum filho em arrefens, e logo recado a el Rey de Castella, que estava em Camora do que tinha passado. El Rey lhe respondeo, que lhe agradecia o muito tempo, que alli detivera ao Mestre de Aviz no cerco, e que não sómente defendera Chaves, mas muitos lugares de Castella, onde o Mestre podera fazer entrada. E que, pois elle ao presente o não podia socorrer, largasse o lugar, e lhe quitou a omenagent, escrevendo-lhe que se fosse para seu Reyno,

que lhe daria terras, em que vivesse honradamente. O dia, em que se acabou o prazo, mandou Martim Gonçalvez dizer a el Rey que lhe queria dar o castello, avendo quatro mezes que o cerco se puzera. Antes disto tinha já mandado sua molher acompanhada de seus irmaõs, que a levaraõ honradamente com seus filhos a Monte Rey, que he em Galiza. Com licença del Rey, Martim Gonçalvez, e Vasco Gomez de Seixas sahiraõ do castello armados com muitos apupos dos mocos, e da gente plebea, como fazem aos que sahem de lugar cercado. Cobrada a Villa de Chaves, fez el Rey doação della ao Condestabel.

(Extracto da Chronica de D. João 1.^o, por Duarte Nunes de Leão)

Novo monumento druidico.

Segundo lêmos em um jornal Francez, acaba de fazer-se uma descoberta singular na estrada, que de Bellevue conduz ao castello de Meudon em França. Quando os operarios levantavam as pedras da calçada a fim de concerta-la, a pequena profundidade toparam com um pedaço de grés, de forma arredondada, e semelhante a essas pedras gigantes, que se encontram frequentemente nas charnecas da Bretanha, e são consideradas como monumentos druidicos.

Logo por baixo dos contornos deste pedredo, e a profundidade de quatro palmos foram tambem encontrados alguns ossos humanos enegrecidos pelo tempo.

Muitos curiosos tinham já conecorrido a ver este espectáculo, e discutiam entre si, com argumentos mais ou menos incertos, que podia fornecer-lhes uma sciencia incompleta, quando a continuação dos trabalhos fez descobrir, quasi ao mesmo nivel, dois outros pedaços de grés apoiados um sobre o outro, mas cuja grossura era um pouco menor. Em volta destas duas pedras estavam igualmente arrançados ossos humanos, que manifestavam grande vetustidade, e se desfaziã em pó apenas se lhe tocava. O que porém veio fortificar as conjturas daquelles, que attribuiam uma origem drui-

dica a estas pedras colossaes, transportadas para alli não se sabe como, foi o acharem-se com os ossos duas machadinhas de silex, tão cortantes, e de um fio tão duro, que o aço lhes não fazia mossa, e absolutamente semelhantes áquellas, que os padres gauleses empregavam nos seus sacrificios.

A. F. de M. P.

Ephemerides da historia Portugueza.

Janeiro.

- | | | |
|----|------|--|
| 1 | 1532 | Descoberta do Rio de Janeiro. |
| 2 | 1607 | Memoravel conflicto sobre Coulaõ, deffendido por D. Jorge de Castello Branco. |
| 3 | 1510 | Morte de D. Fernando Coutinho na cidade Calicut, depois de a ter entrado. |
| 4 | 1246 | Morte d'ElRei de Portugal D. Sancho 2. ^o , em Tolledo. |
| 5 | 1533 | Victoria de Nuno da Cunha, Governador da India, sobre a fortaleza de Baçaim. |
| 6 | 1498 | Descobre Vasco da Gama o Rio-dos-Reis. |
| 7 | 1355 | Morte de D. Ignez de Castro. |
| 8 | 1385 | Descoberta d'uma conspiração contra o Mestre de Aviz. |
| 9 | 1242 | D. Payo Peres Corrêa, toma aos mouros a cidade de Silves no Algarve. |
| 10 | 1262 | Morte de S. Gonçalo d'Amarante. |
| 11 | 1583 | Naufragio lastimoso de D. João da Gama, navegando de Malaca para Gôa. |
| 12 | 1516 | Memoravel sortida de Arzilla por D. João Coutinho, capitão daquella fortaleza. |
| 13 | 1759 | Morte dos fidalgos accusados de attentarem contra a vida d'ElRei D. José. |
| 14 | 1659 | Victoria das linhas d'Elvas sobre os Hespanhoes, commandada pelo conde de Cantanhede D. Antonio Luiz de Menezes. |
| 15 | 1501 | Descobre Pedro Alvares Cabral a cidade de Cananor. |
| 16 | 1505 | Pedro d'Anhaya funda a fortaleza de Sofála. |
| 17 | 1565 | Celebre victoria em Cananor, sendo Governador D. Antonio de Noronha. |
| 18 | 1368 | Morre D. Pedro 1. ^o chamado o cru, na villa de Estremoz. |
| 19 | 1522 | Incendio fatal em Ormús, lançado pelos mouros. |
| 20 | 1556 | Victoria contra os Francezes no Rio de Janeiro, alcançada pelo Governador do Brazil Mem de Sá. |
| 21 | 1482 | Diogo da Azambuja lança os primeiros fundamentos aos estabelecimentos Portuguezes da Costa de Guiné, e cidade da Mina. |
| 22 | 1508 | Victoria dos Portuguezes em Africa, sendo Governador de Zafim o famoso Nuno Fernandes de Atayde. |
| 23 | 1678 | Morre D. Diogo de Souza, Arcebispo d'Evora, varão insigne em letras e virtudes. |
| 24 | 1587 | Martim Affonso de Mello destroe a cidade de Ampáza na Costa da Ethiopia. |
| 25 | 1498 | Vasco da Gama descobre o rio que chamou dos Bons-signaes. |
| 26 | 1531 | Horrivel terremoto em Lisboa que destruiu perto de mil e quinhentas casas. |
| 27 | 1654 | João Fernandes Vieira toma posse de Pernambuco que se entrega aos Portuguezes. |
| 28 | 1654 | O Mestre de Campo General, Francisco Barreto de Menezes, entra vencedor na Praça do Arrecife. |
| 29 | 1384 | O Grande D. Nuno Alvares Pereira consegue sobre os Castelhanos a sua primeira victoria na batalha dos Atoleiros. |
| 30 | 1502 | Parte segunda vez para a India o famosissimo D. Vasco da Gama. |
| 31 | 1580 | Morre o Cardeal Rei D. Henrique. |

A. F. de M. P.

VARIEDADES.

Lobos damnados.

Um caso horroroso, e desgraçado acaba de acontecer perto desta Villa d'Oiteiro. Antonio Bernardo, mancebo de 32 annos de idade, e que á pouco tempo havia obtido baixa de soldado no Batalhão 3 de Caçadores, estava na noite de 23 do corrente guardando o seu gado nas ladeiras do Sabor; ouve latir muito os cães, falla-lhes, sente que o barulho cresce, e que os cães estão em grande aperto, determina de os soccorrer; a noite estava escura e tempestuosa, sac pois da cabana levando apenas uma manta para se cobrir; ao aproximar-se aos cães, uma grande loba damnada (mas que elle não reconheceo então por causa da escuridão) se lhe arremessa: lidam por espaço de uma hora, qual debaixo, qual de cima, sem que o valoroso mancebo se deixe succumbir: então, e já bastante ferido, consegue prender a fera pela lingua, e lançando-a por terra, a segura debaixo dos joelhos, e grita pelos companheiros, mas em vão! Lembra-lhe que uma navalha o acompanha, mette a mão ao bolso, mas não a encontra: a fera, aproveitando a occasião, consegue sacudir-se debaixo d'elle, e cravar-lhe os dentes pelas coxas. O mancebo, dando alguns passos, toma uma estaca das cancellas do gado, e com ella vai descarregar sobre a fera um golpe talvez mortal. . . por fatalidade, ou já demasiado cansado, erra o golpe, e cae de bruços, a loba então lança-se sobre elle, e só depois de saciar sua raiva hydrophobica o deixa mais morto que vivo.

Ao outro dia, por 8 horas da manhã, é que este valoroso mancebo chegou a casa de seus pais, vindo ainda por seu pé; e pedindo vinagre e sal, fez com elles o curativo de suas feridas, que são 38 grandes e profundas!

Recorre-se ao Medico mais proximo (daqui 3 legoas), e apesar das boas diligencias deste, só no dia seguinte se lhe podem applicar os primeiros soccorros da medicina,

e com hem poucas esperanças de o salvar. Mas aquelle animo valoroso, digno por certo de melhor sorte, atormentado então de dores fisicas e moraes, pondo toda a sua esperanza na crença da *Cabeça Santa* em Villa Real, apesar de muitas rogativas em contrario, para lá marcha, donde talvez não voltará mais.

A fera foi na madrugada do mesmo dia 23 apparecer em Carção (daqui 2 legoas), onde foi morta, havendo primeiro ahi mordido mais dois homens, e muitos cães e gados.

Agora consta, que mais lobos vão apparecendo damnados; está tudo por aqui em grande susto, e sobresalto, e nós lembramos ás Auctoridades administrativas, que seria bom ordenassem alguma montaria ás feras, e mandassem matar os cães suspeitos de se damnarem, a fim de que a esta não venham juntar-se outras desgraças.

Oiteiro, 26 de Janeiro de 1846.

Antonio José Garcia.

Progresso dos Periodicos.

A imprensa periodica está fazendo na Azia progressos não menos consideraveis do que na America e na Europa. Existem actualmente em todas as cidades principaes da India Inglesa um ou dous periodicos, contando-se entre elles o *Inglez*, o *Mensageiro de Bengala*, o *Diario de Calcutá*, o *Amigo da India*, a *Revista de Calcutá*, o *Diario da Sociedade Aziatica de Bengala*, a *Gazeta de Delhi*, o *Espectador de Madrás*, a *Gazeta do forte de S. Jorge*, o *Tempo de Bombaim*, o *Correio da mesma cidade*; em Ceilão o *Observador*, em Singapore a *Imprensa livre*, em Batavia um *Diario holandez*, o *Semanario Filipino* em Manilha, o *Amigo da China* e a *Imprensa de Cantão* em Hong-Kong e Macão, onde se publica tambem uma revista Portugueza a *Gazeta de Pekin*, em que se leem as noticias da córte, os edictos imperiaes, e os desastres occorridos no imperio. Além disso se imprimem em quasi todas as cidades folhas volantes acompanhadas de gravuras. (L' *Mensagero*).

Bibliographia. med mco e
 Vai publicar-se a Tradução das Satyras e Epistolas de Quinto Horacio Flaco, acompanhada de notas e observações: por Antonio Luiz de Seabra. Formará 2 vol. em 8.º de mais de 300 pag. cada um. Preço de cada vol. 480 r.º Subscreve-se em Lisboa na Loja da viuva Henriques; em Coimbra, e Porto na de Moré e Coutinho.
 A reputação Literaria do traductor, deixa-nos esperar que a versão sairá com as galas do original; e é ella tanto mais importante, quanto póde considerar-se como complemento á traducção do Desembargador Antonio Ribeiro dos Santos.
 — Historia de Portugal: por A. Herculano. — Annunciou-se para este mez de Janeiro a publicação do 1.º vol. desta interessante obra, abrangendo a historia politica de quasi um seculo desde 1097 — 1183. O preço regular de cada vol. 1:200 r.º — nos livrinhos de Lisboa, Porto, e Coimbra.

Ardua e difficil é por certo a empreza a que se arrostou o Sr. A. Herculano; mas tambem é megavel, que não poderia ella cahir em melhores mãos. A profundeza dos conhecimentos historicos do Sr. A. Herculano, a sua idade, a sua posição, e mais que tudo a grande força de sua intelligencia nos dão toda a esperanza, de que a historia de Portugal, escripta pela habilit penna do Sr. A. Herculano, sahirá porfeita, e digna dos grandes feitos dos nossos antepassados.

Amigo (dos da moda) é o que janta á nossa mesa, o que joga e passeia connosco, o que nos pede dinheiro emprestado, o que acompanha as nossas mulheres ao theatro (se ellas são bonitas), e que foge da nossa presença logo que nos vê n'algum infortúnio.
 — *Amigo* (verdadeiro) é aquelle que nos descobre os nossos defeitos na prosperidade, e que nos tempos adversos nos ajuda com quanto tem, e com quanto póde.

Anonimo.
 O máo exemplo, é muito mais pernicioso do que o máo conselho.

Bonum

Conclusão da Synopse da Legislação publicada no segundo semestre de 1843.

Decreto de 26 de Novembro, que regula o serviço que respeita á saude publica. — (*Diario do Governo de 1 a 5 de Dezembro*).

Decreto de 29 de Novembro, contendo diversas providencias sobre o provimento das Cadeiras dos Liceus Nacionaes, e sobre os exames para as Cadeiras do curso biual. — (*Diario do Governo de 8 de Dezembro*).

Decreto do 1.º de Dezembro, sobre a substituição do Secretario Geral do Ministerio do Reino, quando o seu impedimento coincida com as do Official Maior Graduado. — (*Diario do Governo de 10 de Dezembro*).

Decreto de 19 de Dezembro, nomeando uma commissão para a formação dos Codigos civil e penal. — (*Diario do Governo de 12 de Dezembro*).

Decreto de 4 de Dezembro, sobre a inversão dos Padões de juro Real. — (*Diario do Governo de 12 de Dezembro*).

Decreto de 10 de Dezembro, alterando diversas providencias do Regulamento do Terreiro Publico de Lisboa. — (*Diario do Governo de 13 de Dezembro*).

Decreto do 1.º de Dezembro, que approvou o Regulamento acerca das habilitações para o magisterio universitario. — (*Diario do Governo de 18 de Dezembro*).

Portaria de 17 de Dezembro, declarando que o Decreto de 13 de Dezembro de 1844, que estabelece a cobrança administrativa das contribuições e impostos comprehendidos em suas disposições a cobrança das derramas para as congruas paróchias.

Portaria de 17 de Dezembro, fixando a intelligencia de outra de 11 de Junho proximo preterito, em que se dispõe que a posse por meio de procuração posto que previamente authorizada não dá direito por si só ao vencimento do ordenado dos Empregados de Judicias. — (*Diario do Governo de 20 de Dezembro*).

Portaria da mesma data, em que se declara que os Magistrados Judiciaes de qualquer graduação não podem ausentar-se dos seus logares, ainda em tempo de ferias, sem licença. — (*Diario do Governo de 22 de Dezembro*).

Decreto de 20 de Dezembro, com o Regulamento geral para a Repartição das contribuições directas. — (*Diario do Governo de 23 de Dezembro*).

Decreto de 13 de Novembro antecedente, declarando portos francos o interno e os externos de Macau, com outras providencias a esse respeito. — (*Diario do Governo de 24 de Dezembro*).

Alvará de 23 de Dezembro, approvando o Regulamento do Montepio das Secretarias d'estado. — (*Diario do Governo de 25 de Dezembro*).

Decreto de 24 de Dezembro, com o Regulamento para a Escola Normal Primaria do Districto de Lisboa. — (*Diario do Governo de 29 de Dezembro*).

Pelos motivos, que certamente não são desconhecidos á nossos leitores, deixamos de continuar a publicação do romance — O Cantaro d'Agua — neste periodico: e a rogo de alguns de nossos assignantes damos nestle numero o extracto da Chronica de D. João 1.º relativo ao successo historico que fez o assumpto do dito romance.